

UTILIZANDO MÚSICA EM OFICINAS DE EDUCAÇÃO SEXUAL

identificação de violências e dispositivos de proteção

USING MUSIC IN WORKSHOPS ABOUT SEX EDUCATION

identification of violences and protective devices

Giselle Corrêa da Silva¹
Ana Lídia Lima da Silva²
Maria Lúcia Chaves Lima³

RESUMO

A sexualidade é tema de destaque na adolescência, período de mudanças emocionais, físicas, cognitivas e sexuais. No entanto, a Educação Sexual geralmente se restringe aos aspectos reprodutivos, ignorando outros importantes aspectos, como a prevenção de violências. Nesse contexto, o presente estudo é um relato de experiência de cinco oficinas oferecidas a turmas do sétimo ao nono ano de uma escola pública de Ensino Fundamental da cidade de Belém (PA), durante o primeiro semestre de 2024. O objetivo das oficinas foi discutir sexualidade e facilitar a identificação de violência nas relações afetivas por meio da análise de letras de músicas. As oficinas tiveram duração média de 50 minutos e contaram com a participação de 61 estudantes. Após a reprodução das músicas, foram realizadas algumas perguntas para orientar a discussão feita em pequenos grupos. Os registros das atividades e das interações no grupo foram feitos em diários de campo. As músicas se mostraram um instrumento efetivo na construção de vínculo, facilitando o engajamento dos estudantes no compartilhamento de experiências entre pares. Por meio das oficinas se percebeu o desconhecimento de como proceder, adequadamente, em situações de violência. As oficinas resultaram ainda em acolhimento de vítimas de violência. Conclui-se que oficinas de Educação Sexual com o uso de músicas presentes no contexto cultural dos estudantes podem gerar vínculo entre os participantes e facilitar o manejo dos temas sexualidade e violência.

Palavras-chave: Oficinas; Música; Educação sexual; Adolescentes; Violência.

ABSTRACT

Sexuality is a prominent theme in adolescence, a period of emotional, physical, cognitive and sexual changes. However, sex education is usually restricted

1 Universidade Federal do Pará (UFPA) - Belém, PA, Brasil. Graduanda em Psicologia pela UFPA. E-mail: gisellecorrea1821@gmail.com.

2 Universidade Federal do Pará (UFPA) - Belém, PA, Brasil. Graduanda em Psicologia pela UFPA.

3 Universidade Federal do Pará (UFPA) - Belém, PA, Brasil. Doutora em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) - São Paulo, SP, Brasil.

to reproductive aspects, ignoring other important aspects, such as the prevention of violence. In this context, the present study is an experience report of five workshops offered to classes from seventh to ninth grade of a public elementary school in the city of Belém (PA), during the first semester of 2024. The objective of the workshops was to discuss sexuality and facilitate the identification of violence in affective relationships through the analysis of song lyrics. The workshops lasted an average of 50 minutes and there were 61 students participated. After the reproduction of the songs, some questions were asked to guide the discussion made in small groups. The records of the activities were made in field diaries. The songs proved to be a valuable instrument in the construction of bonds, promoted the engagement of students with a strong sharing of experiences among peers. With the use of workshops were identified difficulties on what to do appropriately in situations of violence. In this way, the workshops resulted in the reception of victims of violence and psychoeducation. It is concluded that sex education workshops with the use of music present in the cultural context of the students can generate bonds between the participants and facilitate the management of sexuality and violence themes.

Keywords: Workshops; Music; Sex education; Teenagers; Violence.

INTRODUÇÃO

A sexualidade é um aspecto fundamental para o desenvolvimento psíquico do ser humano e pode ser considerada o tema de maior destaque no período da adolescência, quando há mudanças emocionais, físicas e aspectos de maturação cognitiva e sexual. Segundo a Lei 8.069 (Brasil, 1990), que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a adolescência se caracteriza dos 12 aos 18 anos de idade. Moraes e Weimann (2020) situam a adolescência como uma construção cultural que é demarcada por rituais e por uma maior atribuição de responsabilidade social, assim como pelo surgimento das primeiras relações afetivo-sexuais.

No entanto, mesmo sendo uma temática fundamental a ser trabalhada na adolescência, a sexualidade é abordada de forma restrita nas escolas, com tabus, e muito centrada nos aspectos da reprodução humana. Conforme Barbosa *et al.* (2019), discussões sobre a temá-

tica devem estar presentes nas escolas e ter caráter de prevenção a infecções sexualmente transmissíveis (IST), gravidez e aborto inseguro, além de dever favorecer a aproximação entre adultos e adolescentes. Por outro lado, apesar de as escolas entenderem seu papel na Educação Sexual, não há formação nem capacitação sobre a função a ser exercida, pois o centramento no discurso biomédico faz com que haja um distanciamento das vivências dos adolescentes brasileiros (Abramovay; Castro; Silva, 2004; Campos; Miranda, 2022).

Além da limitação das instituições de ensino, Andrade, Ricardo e Bruno (2023) discorrem sobre a limitação da família em abordar o tema da sexualidade. Os participantes da pesquisa apontam que há mais espontaneidade ao falar sobre sexualidade com os amigos comparado aos professores e aos pais. Por vezes os adolescentes têm uma carência na comunicação com os pais, seja por medo

ou por vergonha da reação da família, essencialmente quando se encontram em um ambiente permeado de uma visão estereotipada e condenatória de aspetos da sexualidade (Costenaro *et al.*, 2020).

Consultar dúvidas em fontes de informações não confiáveis, como com amigos e em redes sociais, é uma prática comum que pode gerar consequências prejudiciais quando as informações são difundidas de maneira errônea entre os adolescentes. Entretanto, vê-se a troca entre grupos de maneira positiva quando mediada por informações seguras e troca de saberes que favoreçam a saúde e o bem-estar. Nesse sentido, as oficinas podem ser uma boa abordagem para a temática de sexualidade, visto que se diferenciam da modalidade de aula, tendo uma maior flexibilidade na programação, permitindo que a dinâmica se adeque às necessidades dos participantes, o que possibilita a troca de experiências e a produção de ideias (Silva, 2020).

Há diversas possibilidades de trabalhar a Educação Sexual por meio de oficinas, tais como *binsex* (bingo sobre sexualidade) (Silva; Yared, 2019), jogos de simulação da realidade (Souza et al, 2017) e até confecção de bonecas (Meneghel; Danilevicz; Fonseca, 2019). A literatura demonstra que abordar o tema de forma criativa com dinâmicas interativas têm sido efetivo para falar sobre saúde sexual e outras experiências relacionadas à sexualidade.

Dessa forma, percebe-se que há diversas possibilidades de tratar os aspectos relacionados à temática, como respeito, prevenção a violências e relacionamentos saudáveis (Almeida *et al.*, 2021; Silva *et al.*, 2022). No trabalho de extensão universitária de Alvarez *et al.* (2022), os recursos artísticos, especialmente a música, foram utilizados como dispositivos

de promoção de saúde mental e sexual, enfatizando sua função educativa que evoca sentimento de pertença ao promover a cultura e o protagonismo do público jovem. Nesse sentido, o uso de recursos lúdicos é justificado como facilitador na produção de conhecimento e de promoção e prevenção à saúde.

Considera-se, neste trabalho, a Educação Sexual como um instrumento importante na construção da autonomia dos adolescentes, que deve se fazer presente nas escolas com o objetivo de estimular a construção de uma postura transformadora e de uma visão crítica sobre comportamentos que degradam a saúde física, sexual e mental, fortalecendo a visão sobre si e seu ambiente, principalmente sobre seu corpo e suas relações pessoais. Nesse sentido, a Psicologia deve contribuir nos discursos sobre sexualidade em espaços de socialização, principalmente no âmbito escolar, no qual o intuito é a formação de cidadãos por meio de informações seguras. Dessa forma, as oficinas de Educação Sexual estimulam essa discussão a partir de um olhar preventivo sobre saúde e violências, assim como sobre o respeito, consentimento, amor e relacionamentos saudáveis.

Assim, considerando a importância da Educação Sexual para a saúde dos adolescentes, essa pesquisa-intervenção fez uso de músicas como instrumento lúdico-pedagógico para facilitar a aproximação do tema com o cotidiano deles. Portanto, o objetivo deste trabalho é descrever a experiência das oficinas de Educação Sexual com adolescentes e analisar as discussões provenientes da oficina, na qual se trabalhou a música *São amores* como recurso lúdico-pedagógico.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa-intervenção, de caráter qualitativo, foi feita a partir de oficinas de Educa-

ção Sexual realizadas em uma escola pública de Ensino Fundamental da cidade de Belém (PA), no primeiro semestre de 2024. As oficinas foram realizadas a partir da disciplina de Estágio Básico em Psicologia Escolar e mediadas por oito estudantes do curso de Psicologia da Universidade Federal do Pará (UFPA), fazendo parte da pesquisa "Diálogos sobre sexualidade: promoção da saúde e prevenção às violências sexuais". A experiência contou com a participação de 61 estudantes ao longo de cinco oficinas, com a média de 12 participantes em cada oficina. As oficinas eram semanais (uma vez por semana), tinham duração de 50 minutos e foram realizadas com turmas do sétimo ao nono ano, respeitando a faixa etária dos participantes.

As oficinas foram planejadas para facilitar a identificação de situações de violência nas relações afetivas, discutir formas saudáveis de lidar com ciúmes e enfatizar a importância do respeito nas relações interpessoais, além de incentivar os estudantes a refletirem sobre os aspectos de relacionamentos abusivos. Optou-se por apresentar músicas bas-

tante populares no território paraense para mobilizar a participação dos estudantes e, assim, estimular o pensamento crítico sobre comportamentos, desrespeitosos e saudáveis, dentro das relações. Foram escolhidas quatro músicas como elementos disparadores para a oficina: *Helicóptero* (Dj Guuga), *São amores* (Pablo Vittar), *Rita* (Tierry) e *Ciumento eu* (Henrique e Diego).

Todos os participantes ouviam as quatro músicas e, posteriormente, eram agrupados em quatro subgrupos menores, cada um destinado a discutir a letra de uma das músicas selecionadas. Para cada música foram elaboradas perguntas para instigar as discussões nesses subgrupos. Posteriormente, a turma se reunia novamente para o debate geral, quando os participantes comentavam os aspectos mais importantes discutidos. O presente trabalho se concentra em apresentar a experiência com a discussão da música *São amores*, composta por Lucas Gonzales Gomes e Simaria Mendes Rocha e interpretada por Pablo Vittar em 2024 (Quadro 1).

Quadro 1. Letra da música *São amores* e perguntas disparadoras utilizadas na oficina de Educação Sexual

MÚSICA: SÃO AMORES (PABLO VITTAR)	PERGUNTAS
<p>Amiga, te pergunto como tem passado É que me falaram que estava sofrendo Chorando pelos cantos escondendo o rosto Como uma louca, louca, louca Comentam que você não dorme mais direito Que tudo é por causa daquele sujeito Que só tem eu, amiga, que estou do seu lado Não chore mais, amiga, tu é linda</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1) Vocês já passaram por isso (sofrer depois de terminar com a/o crush)? 2) Vocês gostariam de ter alguém que lhes ajudasse a passar por essa situação? Quem? 3) Se fosse com um amigo, que tá muito triste depois de terminar, o que vocês fariam pra esse amigo? 4) E se fossem vocês que estivessem muito tristes depois de terminar, o que fariam? 5) Vocês fariam com os amigos sobre como estão se sentindo? 6) Vocês iam gostar de ter uma amiga que nem essa da música (que se importa, que levanta a autoestima da amiga)?

<p style="text-align: center;">Refrão: São amores Amores que matam Amores que ferem Amores que doem Amores que amargam</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1) Vocês acham que amar é assim (mata, fere, dói, amarga)? 2) Vocês já viram/passaram por situações em que o "amor" matou ou machucou alguém/você? 3) Como vocês entendem que deveria ser o amor? 4) O que vocês fariam caso amassem alguém que faz mal a vocês? 5) Acha que seria fácil se afastar de um amor que dói? 6) As pessoas que vivem esse tipo de amor, por que vocês acham que elas passam por isso?
<p style="text-align: center;">Deixa de chorar E pensa que algum dia alguém te dará Toda essa fantasia, isso e muito mais Porque <i>tu não está</i> louca, louca, louca Chega de chorar Levanta essa cabeça e deixa <i>pra</i> lá Quando passar o tempo, vai olhar <i>pra</i> trás Vai ver que estava louca, louca, louca Prometa <i>pra</i> mim que pelo menos tenta Que vai se esforçar e vê se não inventa Você vale muito mais que essa história Saiba que tudo muda, muda, muda Você vai esquecer essa ideia boba Que te favorecia e que quando pensava Que talvez existisse um amor verdadeiro Amiga, você só se enganava</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1) Vocês acham que a gente só se apaixona uma vez na vida? 2) Vocês já sentiram que a pessoa que vocês gostam é a mais importante na vida de vocês (ou já viram alguém que se sente/sentia assim)? 3) Acham que é normal se sentir triste depois de terminar com alguém que gosta? 4) Sabem o que é dependência emocional? 5) O que fazer quando a gente sente muita falta do ex (crush, namorado(a)) e não pode voltar com a pessoa? 6) Vocês acreditam no amor verdadeiro? Aquele amor perfeito, dos sonhos e das fantasias de vocês? 7) Como é o amor que você quer para você?

Fonte: Elaborado pelas autoras, adaptado a partir de Musixmatch. Disponível em: <https://www.musixmatch.com/lyrics/Pablllo-Vittar/S%C3%A3o-Amores>. Acesso em: 21 out. 2024.

A música foi escolhida devido a sua relação com a cultura paraense e à recente *viralização* nas redes sociais. No início dos anos 2000 já havia sido gravada pela banda Quero Mais, conhecida popularmente pelo estilo musical que mistura brega e tecnobrega, bastante popular nas periferias paraenses (Serrão; Barbosa, 2023). Em 2024, a música foi regravada por Pablllo Vittar, no álbum *Batidão Tropical Vol. 2*, produzido em homenagem à música do Norte e do Nordeste do Brasil, obtendo o recorde de mais de 4,7 milhões de ouvintes em 24 horas, conforme a plataforma *Spotify*

(2024)⁴. A música ganhou destaque após *viralização* de coreografias em redes sociais (O Globo, 2024) comumente usadas por jovens e adolescentes, como o *TikTok* e o *Instagram*, que tem cada vez mais ganhado usuários entre nove e 17 anos, segundo o Comitê Gestor da Internet no Brasil (2024).

Além disso, a literatura aponta uma identificação dos jovens nortistas com o ritmo musical do tecnobrega, seja pela herança familiar ou influência regional da localidade de moradia (Ribeiro, 2019; Serrão; Barbosa,

Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/artist/6tzRZ39aZINqIUzQlkuhDV?si=aeXcxiQdScmTTpsnNtSwiA>. Acesso em: 25 out. 2024.

2023), somado à popularização do gênero musical nas redes sociais. A escolha dessa música, portanto, considerou uma série de aspectos, como idade, raça/etnia e território ao qual os estudantes pertenciam (Coelho; Coelho, 2013).

Para o fechamento da oficina, foi pedida a opinião dos participantes sobre a dinâmica e as músicas utilizadas, com o intuito de identificar os potenciais de continuação das ações, validando os pontos positivos e negativos que apareceram no decorrer do processo de construção das atividades. E, para o registro das atividades, foram utilizados diários de campo como instrumento de implicação da experiência (Patias; Von Hohendorff, 2019).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este trabalho voltou-se para o favorecimento do acesso a informações sobre a sexualidade, as questões de gênero, as relações interpessoais e demais vivências da sexualidade na adolescência. Como o objetivo é apresentar a experiência de discussão da música *São amores*, foram consideradas as impressões e registros do diário de campo das mediadoras dos subgrupos responsáveis pela discussão dessa música em específico.

Vale ressaltar que, durante as oficinas, apesar de alguns não demonstrarem interesse em participar da proposta, o que foi respeitado, a maioria se integrou no processo, rendendo um proveitoso desenvolvimento do trabalho. As oficinas, como um instrumento de intervenção para a aprendizagem compartilhada, foram importante para integrar esses adolescentes nos debates e reflexões junto às mediadoras e, também, aos demais colegas.

Dessa maneira, a seguir constam os aspectos destacados a partir da leitura e análise dos

diários de campo de duas das mediadoras, e coautoras do presente trabalho, com o intuito de se aprofundar na discussão e no depoimento dos participantes.

3.1. MÚSICA E IDENTIFICAÇÃO DE VIOLÊNCIAS

Os participantes se animaram e se engajaram com a música como disparador para o diálogo, principalmente no momento de reprodução da canção já conhecida por eles/as. Finger *et al.* (2016) também constataram a eficácia do uso da música como ponte para o trabalho com crianças e adolescentes, e ressaltam a promoção da saúde como principal característica dessa prática:

Acredita-se que não apenas a música, mas a própria letra da mesma também pode ser um instrumento para a promoção da saúde, estimulando o autocuidado e o pensamento reflexivo sobre ações em relação à saúde tanto na infância e adolescência, como também para outros públicos, de diferentes faixas etárias (Finger *et al.*, 2016, p. 106).

Por outro lado, Requena e Carnicer (2015) explicam que, dentre as funcionalidades da música, a expressão de sentimentos e a evocação de memória emocional ajudam o adolescente a expressar sentimentos intensos e permitem a vinculação das músicas a situações vividas, algo que foi perceptível nas oficinas realizadas. Isso porque o uso de músicas nas oficinas nos proporcionou uma visão mais clara do que esses adolescentes entendiam por relacionamentos afetivos e como eles agiam em meio a isso.

Em uma oficina, a música *São amores* foi debatida por um subgrupo formado apenas por meninas, pertencentes ao oitavo ano, que concordaram que o amor “era assim mesmo: dói” e que isso é comum, pois, segundo elas, “homem é tudo assim”. Já em outra oficina,

na discussão com a turma do sétimo ano, em um subgrupo formado apenas por meninos, um deles ressaltou: “Não deveríamos nos matar por causa de um namoro, existem outras pessoas no mundo”. Essa fala se relaciona a um caso de suicídio que ocorreu na comunidade em que o participante residia. Outros estudantes concordaram com a afirmação de que “o amor dói”, ilustrando com os “casos de homens que batem nas mulheres”.

Durante a discussão, foi estimulado que os participantes pensassem em como seria um bom relacionamento. Alguns descreviam um bom relacionamento enfatizando aspectos como “respeito”, “comunicação”, “parceria”, mas que, na prática, vários relacionamentos acabavam por reproduzir as violências a que estavam habituados no seu cotidiano, principalmente agressões verbais e físicas. Foi consenso, especialmente entre as meninas, independente do ano escolar, que era esperado ocorrerem situações violentas em um relacionamento, pois é comum em seu meio que as mulheres permanecem em relacionamentos amorosos mesmo após vivenciarem violências físicas e psicológicas praticadas pelo parceiro.

A violência nas relações intrafamiliares muitas vezes ocorre a partir de um processo de repetição do ciclo da violência, ou seja, os adolescentes tendem a reproduzir as relações de adultos, enquanto os adultos reproduzem a violência vivida em sua própria juventude (Moreira; Sousa, 2012). Desse modo, a vivência de violência doméstica é fator de risco para relacionamentos amorosos adoecedores. Borges, Heine e Dell’Aglio (2020) indicam que a probabilidade para a violência no namoro adolescente é maior quando há histórico de violência doméstica familiar, indicando que são transmitidos, de forma intergeracional, mecanismos de manutenção de violência e

dificuldades para lidar com conflitos sem utilizar comportamentos violentos.

Nesse contexto, é possível observar a fragilidade dos laços afetivos da rede de apoio, em que esse padrão de comportamento é transmitido entre as gerações, implicando graves consequências ao decorrer da vida desses jovens nas suas interações interpessoais e relação com eles mesmos.

3.2. DISPOSITIVOS DE PROTEÇÃO: REDES DE APOIO E DENÚNCIA

Houve uma maior participação das meninas do que dos meninos nas oficinas, fato que pode ser explicado pela mediação das oficinas ser feita apenas por estagiárias mulheres ou mesmo porque os meninos, de modo geral, não são socializados de modo a falar sobre relacionamentos íntimos e afetos. De todo modo, a partir da análise da segunda estrofe da música, que trata do apoio na amizade em momentos de tristeza, houve a formação de uma rede de solidariedade firmada pelas meninas participantes, percebida pela postura de acolhimento entre elas e pelo interesse de continuação dos encontros por conta própria. Sobre essa segunda estrofe, os meninos expuseram uma postura de apoio entre si, comentaram que ajudam os amigos a “seguirem em frente”. Por sua vez, as meninas aprofundaram o assunto, ao relatar sobre seus apaixonamentos, que às vezes acontecem por alguém que não corresponde, apontaram as suas amigas como aquelas que as ouvem e lhes dão conselhos quando percebem que estão tomando decisões erradas nesse âmbito.

As participantes foram convidadas a identificar quem poderia lhes oferecer apoio quando estivessem passando por momentos difíceis, términos de relacionamentos ou violência. A

partir daí foi introduzido o conceito de “adulto de confiança”, que seria o adulto que está disponível para acolher os sentimentos e proteger os/as adolescentes quando preciso. Nesse momento, todas indicaram pessoas do gênero feminino: amigas ou irmãs mais velhas. De forma semelhante, Zdebskyi, Máximo e Pereira (2021), também utilizando oficinas musicais com adolescentes, identificaram que a escola não é vista como fator de proteção e como espaço possível de denúncia dos casos de violência vividos. Tampouco a família aparece como parte de sua rede de apoio. Portanto, não há segurança no espaço familiar, sendo este a principal fonte das violações de direito, segundo os relatos das participantes.

Em uma oficina realizada com uma turma do sétimo ano ocorreu uma denúncia de caso de violência sexual familiar. A estudante relatou que foi a primeira vez que se sentiu à vontade para falar sobre o caso. Após finalizada a oficina, outras participantes pediram para conversar com as mediadoras e relataram casos análogos. Estas trouxeram uma preocupação com o que acontecia umas com as outras e viram no grupo uma oportunidade de ajuda. Os relatos foram sobre dificuldades no namoro, assédio sexual na infância e ausência de apoio familiar. A partir desse encontro, com o vínculo de confiança firmado, foi solicitado por uma das alunas uma escuta individual para denúncia de violência sexual.

Conforme Rodrigues e Mello (2024), as escolas brasileiras não têm tido êxito na implementação de ações preventivas à violência sexual, principalmente em comparação a escolas estrangeiras. Entretanto, é possível encontrar práticas pedagógicas que conseguem abordar a temática e facilitar o relato de casos de abuso infantil, como em Damasceno e Brito (2024), que expõem a possibilidade do uso da literatura e vídeos, dinâmicas como a

do “semáforo do toque”, seguidos de um momento de diálogo com uma escuta atenciosa. O trabalho de Soares *et al.* (2023), com oficinas realizadas em escolas públicas, também apresenta relatos de violência de gênero, incluindo a sexual, por meio do uso de dinâmicas como “quebra-gelo” e colagem como atividade reflexiva.

Desse modo, percebe-se que tanto neste relato, quanto em outros semelhantes, o processo de denúncia foi construído a partir de uma mobilização com o grupo de jovens por meio de um trabalho conjunto com a gestão da escola, com o intuito de enfatizar a atitude de denúncia, já que esta pode impactar o processo de elaboração das discentes sobre as violências sofridas em alguns casos (Santos, 2009). O que passou a acontecer a cada nova ida das mediadoras à escola foi a construção de um espaço de acolhimento, no qual as estudantes que estavam na oficina anterior chamavam outras colegas que viviam situações semelhantes. Era um espaço de compartilhamento de experiências pessoais, propício para a exposição de suas dores, sofrimentos, angústias e dúvidas. Isso foi possível por meio da criação de uma postura acolhedora no grupo para que essas pessoas pudessem ter liberdade, através de discussão circulante, em que não havia julgamento nem repressão. O objetivo era criar possibilidades para a elaboração de novos conhecimentos sobre o que estava acontecendo com o grupo e com elas de maneira isolada (Pinto; Christo Neto, 2020).

Como decorrência desses acontecimentos, os últimos dois encontros de oficina se caracterizam como encontros de apoio a estudantes dos sétimo e oitavo anos que relataram casos de violência física e sexual. Nesse sentido, percebemos o processo de criação de uma rede de apoio. Conforme Bates e Toro (1999), o apoio social são as trocas em que o indivíduo forne-

ce conexão e validação, o que foi percebido naquele grupo recém-formado: todas ofertaram sua escuta atenciosa, palavras de apoio, abraços, e, mais do que isso, a validação que as estudantes não encontravam em casa.

No penúltimo encontro, foi percebido que as estudantes não tinham conhecimentos necessários para denunciar os casos de violência de maneira segura, principalmente quando cometidos por seus familiares. Conforme Inoue e Ristum (2008), apesar de a escola não ser o primeiro grupo social da criança e adolescente, ela deve ser corresponsável pela proteção deles:

Quando a família é a perpetuadora da violência contra a criança e o adolescente, ou quando ela fracassa em seu papel de provedora, formadora e protetora, a escola será, em muitos casos, a única a zelar pela proteção dos educandos, uma vez que a família torna-se [sic] omissa, agressora ou transgressora de sua função. Não se trata de a escola trazer para si a responsabilidade que é da família, mas sim, contribuir para que esta possa conhecer sua função e responsabilizar-se, tendo como alternativa para isto, por exemplo, o ensino do exercício de cidadania, o esclarecimento, as orientações aos familiares e, quando cabível, a denúncia das agressões para os órgãos competentes (Inoue; Ristum, 2008, p. 11).

Além disso, essa situação é um grande entrave para a formação de atores sociais, já que a desinformação é, também, um problema de saúde pública, principalmente na adolescência, podendo gerar sérias consequências para a vida desses jovens. Por isso, é necessário que haja trabalhos com objetivo de compreender qual o contexto em que esses jovens estão inseridos, para que, dessa forma, as estratégias de prevenção e promoção sejam desenvolvidas e implementadas de forma contextualizada e efetiva (Castro; Silva, 2013).

Diante disso, para o último encontro foi elaborado um material informativo (Figura 1) sobre as possibilidades de solicitar ajuda de forma segura, considerando as informações que as meninas trouxeram durante as oficinas e conversas. O *folder* (Figura 1) apresenta frases que reafirmam a não culpabilização das vítimas, já que, segundo Von Hohendorff e Patias (2017), a culpa é uma das consequências emocionais mais comuns em crianças e adolescentes vítimas de violência sexual, em conjunto com ansiedade, medo e raiva. Ainda sobre o material, o “adulto de confiança”, já debatido anteriormente nos grupos, foi formalizado no *folder*, considerando que muitas violências denunciadas partem de membros da família e que outros adultos podem fazer parte da rede de apoio (Costa; Bigras, 2007).

Figura 1. Folder informativo sobre como, para quem e onde pedir ajuda em casos de violência.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE PSICOLOGIA

ESTÁGIO EM PSICOLOGIA ESCOLAR:
Supervisor(a): Prof.ª Dr.ª Maria Lúcia Chaves Lima
Discentes: Ana Lima, Amanda Cardoso, Akemi Uchida, Giselle Silva, Júlia Teodoro, Lúcia Lourenço, Sâmyla Guimarães, Talita Lima, Tamires Mendes

COMO PEDIR AJUDA?

Em casos de violências/abusos é comum que tenhamos medo de denunciar, seja por vergonha, sentimento de culpa ou medo que não acreditem...

Então como pedir ajuda nesses momentos?

FALE COM O SEU ADULTO DE CONFIANÇA

O adulto de confiança é aquele que você sente segurança em expressar seus sentimentos e pode ser sincero(a). Esse adulto pode ser seus pais, irmãos, tio(a)s e até adultos que não fazem parte da sua família! (Ex.: professores, vizinhos etc.)

O adulto de confiança é aquele vai te proteger em situações de abuso e te ajudar a sair dessa situação!

Em caso de você não ter esse adulto você pode:

FALAR COM A SUA ESCOLA!

A escola deve ser um ambiente de proteção. É direito da Criança e do Adolescente que a escola apoie a denúncia e lide com a situação de forma discreta, respeitando sua confiança. Você pode ir até a direção e pedir para conversar! Além disso, você pode:

IR A LOCAIS DE SERVIÇOS DE SAÚDE

Vá até unidades de saúde e peça para falar com algum profissional. Psicólogos, médicos, enfermeiro(a)s, agentes comunitários e profissionais de serviço social das UBS's, ESF's, CREAS e outras unidades podem te ajudar!

1º
É importante que você saiba que não fez nada de errado e que A CULPA NÃO É SUA!

Caso não consiga falar sozinho(a) pode pedir a um(a) amigo(a) que o(a) acompanhe na conversa na escola, com seus pais ou profissionais.

LOCAIS PARA BUSCAR AJUDA PERTO DE VOCÊ:

Referências:
BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Lei Federal nº 8069, de 13 de junho de 1990. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 2002.
Costa, M. C. O., & Bigras, M. (2007). Mecanismos pessoais e coletivos de proteção e promoção da qualidade de vida para a infância e adolescência. *Ciência & Saúde Coletiva*, 12, 1101-1109. <https://www.scielo.org/pdf/csc/2007.v12n5/1101-1109pt>.
Conceição, M. I. G., Costa, L. F., Peres, M. A., & Williams, L. C. D. A. (2020). Abuso sexual infantil masculino: sintomas, notificação e denúncia no restabelecimento da proteção. *Psicologia Clínica*, 30(3), 101-121. <https://doi.org/10.33064/PC1989-6438/032010A06>.

Fonte: elaborado pelas autoras (2024).

Realçamos também a escola como possibilidade de denúncia e, identificada a insegurança das estudantes em realizar a exposição das situações sozinhas, ressaltamos que podem pedir que amigas de confiança as acompanhem até a direção escolar. Por fim, destacamos outros meios institucionais de denúncia, como unidades de saúde próximas à escola, informando que outros profissionais de saúde, além de psicólogos, podem e devem auxiliar em situações de risco. Também indicamos outros locais que disponibilizam serviços de psicologia, e delegacias, disponibilizando números de contatos e endereços de todos esses locais, com o intuito de tornar os meios de ajuda acessíveis.

Para o encerramento do grupo, todas as participantes, inclusive as mediadoras, falaram como se sentiram durante as oficinas. As estudantes se mostraram pesarosas com o fim das oficinas, pois apreciaram ter um espaço no qual pudessem dizer o que sentiam. Como as continuações de vínculos afetivos firmados em grupos tendem a continuar (Barros; Machado; Silva, 2021), foi apresentada a ideia de que as meninas continuassem com o grupo de apoio, estabelecendo as próprias regras de confidencialidade. Algumas delas deram ideias sobre criar um grupo nas redes sociais e outras se disponibilizaram para ouvir as colegas, principalmente aquelas que denunciaram casos de violência.

As atividades compartilhadas, as quais têm como base a comunicação, são um aspecto essencial para a construção de grupos sociais conscientes, críticos e seguros (Tinzman *et al.*, 1990). Esse fator é importante, pois valida a autonomia dos estudantes, que podem exercitar suas habilidades comunicativas entre si, orientando-se, apoiando-se e dividindo dores e medos. Isso leva a perceber a importância de dar base para que esses adolescentes possam

interagir, pois isso se torna um mecanismo de proteção uns dos outros, fator fundamental no combate às violências sexuais.

No fim dessa experiência, os casos de violência doméstica, psicológica e sexual que surgiram nos relatos das discentes foram levados à coordenação escolar para as devidas medidas de proteção asseguradas pelo ECA (Brasil, 1990, art. 13) e seguindo o Código de Ética Profissional do Psicólogo (CFP, 2005, art. 2º), que veda a conivência e negligência de casos de violência. Considera-se que, em conjunto com os estudantes, foi possível modificar as estratégias para abordar temas relacionados à Educação Sexual. Observamos que os participantes eram conscientes sobre o que é assédio e abuso sexual, além de saberem nomear as violências que vivenciaram. No entanto, eles careciam de conhecimentos sobre a rede de apoio institucional e os dispositivos de proteção disponíveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da estratégia do uso de músicas presentes no contexto cultural dos estudantes, as oficinas de Educação Sexual se tornaram mais interessantes e facilitaram o manejo da discussão acerca da sexualidade. O uso da música *São amores* foi ponto crucial, diante de sua popularidade entre jovens no território paraense.

Esta experiência não objetivou demonstrar um método para abordar a sexualidade, mas sim expor a necessidade do uso da criatividade para superar modelos restritivos da Educação Sexual, com uma abordagem que se conecte aos participantes do grupo com instrumentos para a aproximação e construção de vínculo com os/as estudantes. Nesta experiência percebemos que atuar na prevenção às violências sexuais é se inteirar, inte-

ressar-se pela temática, pesquisar e planejar materiais para que forneçam suporte para discussão e debate que integrem o grupo e os atores sociais envolvidos em todo o processo. Dessa maneira, eles terão a compreensão do seu lugar na sociedade, como cidadãos que possuem direitos e deveres.

A partir dessas dinâmicas, se construiu um ambiente de segurança que viabilizou a denúncia de violências, a criação de redes de solidariedade entre as participantes e permitiu que a instituição de ensino interviesse de maneira adequada em situações nas quais esse adolescente tem seus direitos violados ou ameaçados. Entendemos que a partir do momento que os adolescentes têm acesso às informações acerca dos dispositivos de proteção e dos mecanismos sobre as violências sexuais, eles serão transformadores da sua própria realidade em seu contexto social, pois a informação e o conhecimento fundamentam a construção de indivíduos autônomos, atuando como agentes sociais.

Dentre as limitações encontradas destacamos a menor aderência de alunos do gênero mas-

culino nas atividades, como já exposto. Entretanto, consideramos que esta dificuldade pode ser superada a partir de estratégias que se aproximem dos interesses dos estudantes. Isso enfatiza a importância de se conhecer o contexto e o grupo foco da intervenção, para que, dessa forma, as estratégias sejam pensadas e refletidas a partir de um olhar singular, que varia de grupo para grupo. Apesar desse obstáculo, julgamos que as poucas participações dos meninos nos grupos trouxeram perspectivas interessantes que merecem ser exploradas para melhor entendimento da concepção dos adolescentes sobre sexualidade e respeito nos relacionamentos.

Por fim, entendemos este trabalho como relevante para a reflexão sobre a Educação Sexual e adolescência, período em que, infelizmente, há uma vulnerabilidade às violências no processo de descoberta dos relacionamentos e de si. Torna-se, portanto, imprescindível a implicação da Psicologia no espaço escolar, realizando um trabalho multiprofissional na formação de pensamento crítico e na viabilização da saúde e da segurança dos jovens e adolescentes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Nicolas Ueves Lima *et al.* Educação Sexual na escola: Relato de experiência. **Revista de Trabalhos Acadêmicos-Universo Belo Horizonte**, v. 1, n. 5, 2021. Disponível em: <http://www.revista.universo.edu.br/index.php?journal=3universobelohorizonte3&page=article&op=view&path%5B%5D=8775>. Acesso em: 10 jun. 2024.

ALVAREZ, Carolina *et al.* La comunicaci3n en extensi3n: lenguajes, afectos y pr3cticas en la Red de Orquestas Barriales de C3rdoba. **+E: Revista de extensi3n universitaria**, [S. l.], n. 17, p. 1-19, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/https://doi.org/10.14409/extension.2022.17.jul-dic.e0030>. Acesso em: 29 ago. 2024.

ANDRADE, Alcilene Lopes de Amorim; RICARDO, Hermanully Teixeira; BRUNO, J3ssica Santos. Sexualidade na adolesc3ncia: Como escola e fam3lia t3m lidado com este tema? **Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro**, [S. l.], v. 10, n. 1, 2023. DOI: <https://doi.org/10.61164/rnm.v10i1.1552>. Acesso em 2 jun. 2024.

BARBOSA, Luciana Uch3a *et al.* O sil3ncio da fam3lia e da escola frente ao desafio da sexualidade na adolesc3ncia. **Ensino, Sa3de e Ambiente**, Niter3i, v. 12, n. 2, p. 31-49, 2019. DOI: <https://doi.org/10.22409/resa2019.v12i2.a21625>. Acesso em: 25 jun. 2024.

BARROS, Amailson Sandro de; MACHADO, Vit3ria

Magalhães; SILVA, Edlaine Araujo da. Intervenção em grupo com meninas adolescentes vítimas de violência sexual: da situação-limite ao inédito-viável. **Revista de Educação Popular**, [S. l.], v. 20, n. 1, 2021. DOI: <https://doi.org/10.14393/REP-2021-54668>. Acesso em: 10 jul. 2024.

BATES, Debbie; TORO, Paul. Developing measures to assess social support among homeless and poor people. **Journal of Community Psychology**, [S. l.], n. 27, p. 137-156, 1999. DOI: [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1520-6629\(199903\)27:2%3C137::AID-JCOP3%3E3.0.CO;2-B](https://doi.org/10.1002/(SICI)1520-6629(199903)27:2%3C137::AID-JCOP3%3E3.0.CO;2-B). Acesso em: 16 jul. 2024.

BRASIL. **Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 16 jul. 2024.

BORGES, Jeane Lessinger; HEINE, Julia Assumpção; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Variáveis pessoais e contextuais preditoras de perpetração de violência no namoro na adolescência. **Acta Colombiana de Psicologia**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 460-470, 2020. DOI: <https://doi.org/10.14718/acp.2020.23.2.16>. Acesso em: 11 jul. 2024.

CAMPOS, Isabela do Couto; MIRANDA, Jean Carlos. Educação Sexual nas escolas: uma necessidade urgente. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, [S. l.], v. 12, n.34, p. 108-126. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.7151234>. Acesso em: 8 jul. 2024.

CASTRO, Marília da Cunha e; SILVA, Maria Aparecida da. O comportamento dos adolescentes frente ao risco de contaminação com HIV/AIDS. **Estudos**, Goiânia, v. 40, n. 4, p. 395-418, out./dez. 2013. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/estudos/article/download/3049/1850/9052>. Acesso em: 21 out. 2024.

CFP. CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de ética profissional do psicólogo**. 2005. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo_etica.pdf. Acesso em: 13 jul. 2024.

COELHO, Wilma de Nazaré Baía.; COELHO, Mauro Cezar. Música, raça e preconceito no ensino fundamental: notas iniciais sobre hierarquia da cor entre

adolescentes. **Afro-Ásia**, [S. l.], n. 48, p. 311333, jul. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/afro/a/hm5Mm6b7bXDP54mcDrMQLqS/>. Acesso em: 7 out. 2024.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET DO BRASIL. **Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil 2023** [livro eletrônico]. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. São Paulo, 1. ed, 2024. Disponível em: <https://cetic.br/pt/publicacao/pesquisa-sobre-o-uso-da-internet-por-criancas-e-adolescentes-no-brasil-tic-kids-online-brasil-2023/>. Acesso em: 25 out. 2024.

COSTA, M. C. O.; BIGRAS, M. Mecanismos pessoais e coletivos de proteção e promoção da qualidade de vida para a infância e adolescência. **Ciência & Saúde Coletiva**, [S. l.], n. 12, p. 1101-1109, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csc/2007.v12n5/1101-1109/pt>. Acesso em: 30 ago. 2024.

COSTENARO, Regina Gema Santini *et al.* Educação Sexual com adolescentes: Promovendo saúde e socializando boas práticas sociais e familiares. **Revista Brasileira de Desenvolvimento**, [S. l.], v. 6, n. 12, p. 100544-100560, 2020. DOI: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n12-519>. Acesso em: 13 jul. 2024.

DAMASCENO, Daniele Pelaes; BRITO, Angela do Céu Ubaiaara. Educar é prevenir: Práticas de ensino para prevenção primária da violência sexual na infância. **Revista Ensino de Ciências e Humanidades - Cidadania, Diversidade e Bem-Estar - RECH**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 125-142, 2024.

FINGER, Denise *et al.* Atuação da música no desenvolvimento saudável de crianças e adolescentes. **Revista Ciência em Extensão**, v. 12, n. 2, p. 106-115, 2016. Disponível em: https://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/1316. Acesso em: 15 jul. 2024.

INOUE, Silvia Regina Viodres; RISTUM, Marilena. Violência sexual: caracterização e análise de casos revelados na escola. **Estudos De Psicologia**, Campinas, v. 25, n. 1, p. 11-21, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000100002>. Acesso em: 28 jun. 2024.

MENEGHEL, Stela Nazareth; DANILEVICZ, Vatsi Meneghel; FONSECA, Eviriene de Souza. Oficina de bonecas sexuadx - Um relato de experiência. **Interface -**

Comunicação, Saúde, Educação, [S. l.], v. 23, e170892, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/Interface.170892>. Acesso em: 13 jul. 2024.

MORAES, Bruna Rabello; WEINMANN, Amadeu de Oliveira. Notas sobre a história da adolescência. **Estilos da Clínica: Revista sobre a Infância com Problemas**, [S. l.], v. 25, n. 2, p. 280-296, 2020. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v25i2>. Acesso em: 10 jul. 2024.

MOREIRA, Maria Ignez Costa; SOUSA, Sônia Margarida Gomes. Violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes: do espaço privado à cena pública. **O Social em Questão**, [S. l.], n. 28, p. 13-25, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=552256742002>. Acesso em: 13 jul. 2024.

O GLOBO. Música de Pablllo Vittar viraliza em países da América Latina após coreografia de peruana: entenda. **O Globo**, 17 jul. 2024. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2024/07/17/musica-de-pablllo-vittar-viraliza-em-paises-da-america-latina-apos-coreografia-de-peruana-entenda.ghtml>. Acesso em: 7 out. 2024.

PATIAS, Naiana Dapieve; VON HOHENDORFF, Jean. Critérios de qualidade para artigos de pesquisa qualitativa. **Psicologia em Estudo**, v. 24, e43536, 2019. DOI: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v24i0.43536>. Acesso em: 12 jul. 2024.

PINTO, Francimar dos Santos; CHRISTO NETO, Manoel de . Os efeitos terapêuticos de um grupo de reflexão com discentes. In: COSTA, Elson Ferreira (org.). **Psicologia em Foco: Temas Contemporâneos**. Guarujá: Editora Científica, 2020, p. 189-196. DOI: <https://downloads.editoracientifica.org/books/978-65-87196-30-5.pdf>. Acesso em: 21 out. 2024.

REQUENA, Salvador Oriola; CARNICER, Josep Gustems. Música y adolescencia: usos, funciones y consideraciones educativas. UT. **Revista de Ciències de l'Educació**, [S. l.], n. 2, p. 28-45, 2015. Disponível em: <http://revistes.publicacionsurv.cat/index.php/ute>. Acesso em: 3 out. 2024.

RIBEIRO, Lucilene do Nascimento. **Tecnobrega: os contrastes de uma identidade cultural para o jovem periférico**. 2019. 45f. Trabalho de Conclusão de Curso

(Licenciatura em Educação Física) - Campus Universitário de Castanhal, Universidade Federal do Pará, Castanhal, 2019. Disponível em: <https://bdm.ufpa.br/jspui/handle/prefix/2099>. Acesso em: 7 out. 2024.

RODRIGUES, Rafaela Maria; MELLO, Roseli Rodrigues de. Escolas no combate à violência sexual contra crianças e adolescentes: análise bibliográfica de ações preventivas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, [S. l.], v. 32, n. 123, p. e0244004, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362024003204004>. Acesso em: 7 out. 2024.

SANTOS, Benedito Rodrigues dos. **Guia de referência: construindo uma cultura de prevenção à violência sexual**. São Paulo: Childhood - Instituto WCF-Brasil, Prefeitura da Cidade de São Paulo/Secretaria de Educação, 2009. Disponível em: <https://www.childhood.org.br/app/uploads/2022/12/guia-de-referencia-re-des-de-protecao-na-educacao-construindo-uma-cultura-escolar-de-prevencao-a-violencia-sexual-atualizado-2016.pdf>. Acesso em: 21 out. 2024.

SERRÃO, Karina; BARBOSA, Ana Karolina. Tradição e representação do brega paraense: a recepção midiática na construção identitária de jovens amazônidas. **Puçá: Revista de Comunicação e Cultura na Amazônia**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 72-88, 2023. Disponível em: <https://estacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/puca/article/view/2875>. Acesso em: 7 out. 2024.

SILVA, Claudionor Renato da. Oficina em Educação Sexual (ofSex): Aspectos teórico-metodológicos e uma definição. **Revista de Estudios y Experiencias en Educación**, [S. l.], v. 19, n. 40, p. 213-233, 2020. DOI: <https://dx.doi.org/10.21703/rexe.20201940dasilva12>. Acesso em: 13 jul. 2024.

SILVA, Ediane; YARED, Yalin Brizola. Binsex: uma proposta de bingo como recurso didático em abordagem crítica da Educação Sexual. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, [S. l.], v. 14, n. esp.2, p. 1580-1600, 2019. DOI: <https://doi.org/10.21723/riiae.v14iesp.2.12617>. Acesso em: 1º jul. 2024.

SILVA, Fernanda de Souza *et al.* Educação Sexual de jovens no contexto escolar. **Anais do I Encontro de Discentes Pesquisadores e Extensionistas**, v. 1, n.1, e202214, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/edpe/article/view/15465>. Acesso em: 13 jul. 2024.

SOARES, Mayara Ruth Nishiyama *et al.* A violência bate em mim primeiro: oficinas nas escolas públicas de Fortaleza. **Psicologia Argumento**, [S. l.], v. 41, n. 112, 2023. DOI: 10.7213/psicolargum.41.112.AO11. Acesso em: 7 out. 2024.

SOUZA, Vânia de *et al.* The game as strategy for approach to sexuality with adolescents: theoretical-methodological reflections. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [S. l.], v. 70, n. 2, p. 376-383, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0043>. Acesso em: 10 jun. 2024.

TINZMAN, M. B. *et al.* What is the collaborative classroom. **North Central Regional Educational Laboratory**, 1990. Disponível em: http://onlineacademy.org/modules/a402/support/xpages/a402b0_20400.html. Acesso em: 12 jul. 2024.

VON HOHENDORFF, Jean; PATIAS, Naiana Dapieve. Violência sexual contra crianças e adolescentes: identificação, consequências e indicações de manejo. **Barbarói**, [S. l.], n. 49, p. 239, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i49.9474>. Acesso: 30 ago. 2024.

ZDEBSKYI, Janaina de Fátima; MÁXIMO, Carlos Eduardo; PEREIRA, Ulysses Thiago Batista. Relações sociais e redes de apoio na adolescência: Experiências mediadas pela música. **Barbarói**, [S. l.], n. 58, p. 8-29, 2021. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/fr/biblio-1150659>. Acesso em: 28 jun. 2024.

Recebido em: 10.09.2024

Revisado em: 30.09.2024

Aprovado em: 11.10.2024